

Forbes

PORTUGAL

Forbes

CORRIDA À

CANÁBIS

INVESTIDORES
DE TODO O MUNDO
E ATÉ BARÕES
DA POLÍTICA
NACIONAL, TODOS
QUEREM UM
PEDAÇO DO FILÃO
DO OURO VERDE.

"A CANÁBIS
VAI REVOLUCIONAR
O SECTOR
FARMACÊUTICO".

BRENDAN KENNEDY

Presidente-executivo da Tilray, que conta
investir 100 milhões de euros em Portugal.



**GFM
CAPITAL**

UMA
BERKSHIRE
PORTUGUESA

UNBABEL

SALTO
DE
GIGANTE

"TEMOS
APENAS 2% DE
HABITAÇÃO
PÚBLICA PARA
98% PRIVADA."

**HELENA ROSETA,
EM ENTREVISTA**

CORRIDA A CANÁBIS — N.º 43 — OUTUBRO 2019 — 6€ — MENSAL — FORBESPT.COM



Outubro'19

32

Um nova estrela

Em Setembro, a Unbabel voltou a fazer história, ao angariar 55 milhões de euros numa ronda de investimento, um valor recorde no ecossistema nacional de start-ups. Para o líder da empresa, o próximo passo é chegar a unicórnio dentro de dois anos.

56

Grande entrevista

Mais eficiente e mais transparente é como Helena Roseta antevê o mercado imobiliário após a entrada em vigor, no passado 1 de Outubro, da "sua" lei de bases da Habitação. Mas reconhece que ainda falta muito caminho a percorrer.

78

A segunda vida de Kanye

Ele está de volta à ribalta. Mas, desta vez, não é a música que faz brilhar Kanye West, mas a linha de ténis Yeezy: a melhor aposta de sempre para destronar os Air Jordan.



OURO VERDE

A PRODUÇÃO DE CANÁBIS É UM NEGÓCIO ALTAMENTE LUCRATIVO QUE ESTÁ A ATRAIR INVESTIDORES DE TODO O MUNDO A PORTUGAL NUMA AUTÊNTICA CORRIDA AO TESOURO, QUE NOS PRÓXIMOS ANOS PODE ASCENDER A 500 MILHÕES DE EUROS. **Página 10**

CORRIDA

à

A PLANTA, AINDA VISTA COMO UMA DROGA, É AGORA CONSIDERADA UM MEDICAMENTO COM POTENCIAL PARA TREMER O PARADIGMA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA. É UM NEGÓCIO ALTAMENTE LUCRATIVO QUE ESTÁ A ORIGINAR UMA CORRIDA DE INVESTIDORES DE TODO O MUNDO E ATÉ DE CARAS CONHECIDAS DA POLÍTICA NACIONAL.

POR
Joaquim
Madrinha



CANÁBIS



A Tilray é o nome maior da indústria de produção de cannabis para fins medicinais em Portugal. Já investiu 20 milhões de euros e tem intenção de chegar até aos 100 milhões. "Queremos estar a exportar daqui para uma dúzia de países até ao final do ano", diz Brendan Kennedy, presidente-executivo da empresa canadiana.

Fotos de Getty Images e Tilray

À CHEGADA ÀS INSTALAÇÕES DA TILRAY, NO PARQUE TECNOLÓGICO DE CANTANHEDE, A VEDAÇÃO ALTA, REFORÇADA NO TOPO COM ARAME FARPADO, OS INÚMEROS POSTES COM CÂMARAS DE VIGILÂNCIA E O APARATO DE SEGURANÇAS, DESPERTAM A CURIOSIDADE QUE “MORRE” ASSIM QUE SE ABRE A JANELA DO AUTOMÓVEL: O CHEIRO É AVASSALADOR.

Ali, nas estufas e no terreno contíguo às mesmas crescem milhares de plantas de cânabis para fins medicinais. A infra-estrutura implantada numa área total de cinco hectares, que inclui estufas, unidade de processamento e armazenagem, laboratório e uma plantação no exterior, representou um investimento de 20 milhões de euros e empregará 150 pessoas até ao final do ano. “Pretendemos duplicar a produção aqui e começar a produzir ao ar livre”, disse Brendan Kennedy, director-executivo e fundador da empresa, à FORBES, aquando da inauguração das instalações, em Abril. Dito e feito. Em Agosto, a Tilray arrendou 20 hectares de terra ao Esporão para plantar cânabis medicinal ao ar livre e acertou com a empresa alemã Cannamedical Pharma a primeira encomenda produzida em Cantanhede num valor de 3 milhões de euros.

Um pouco por todo o país estão em curso projectos de cultivo e transformação de cânabis para fins medicinais. A também canadiana Aurora Cannabis vai instalar-se em Vila Nova de Gaia. Mais a leste, em Nelas, a Endopure quer cons-

truir uma fábrica de extracção de óleos da planta. Em Cantanhede, a israelita Together Ideas Pharma será vizinha da Tilray, e a também canadiana CannIO quer instalar-se em Vila de Rei. Quase ali ao lado, a Kannabeira e a Funcrops estão a preparar tudo para se instalar no Fundão. Em Mafra, a Preze prepara-se para criar raízes e no concelho de Benavente a VF 1883 Pharmaceuticals quer fazer uma das maiores explorações da Europa. Em Rio de Mouro, Sintra, a canadiana Flowr já estará a produzir flor de cânabis no dia em que o leitor estiver a ler este artigo, ao mesmo tempo que desenvolve em Aljustrel, no Alentejo, a maior exploração ao ar livre do país (65 hectares). Esta região contará ainda com a britânica EMMAC (que adquiriu a

CANÁBIS MEDICINAL NO MUNDO

Entre 2000 e 2017, a produção anual mundial de cânabis medicinal passou de 1,4 para 406,1 toneladas. É um mercado em franco crescimento, mas o aumento dos stocks e a diminuição das necessidades mundiais de consumo nos últimos anos levantam alguns desafios aos futuros produtores. Para 2019, foram comunicadas ao INCB necessidades de consumo num montante de 40,9 toneladas, o menor valor desde 2012.

Fonte: International Control Narcotics Board.





Terra Verde), com a Sabores Púrpura (também presente no Algarve) e com a israelita Sababa, que tem intenções de instalar-se em Campo Maior.

Questionado pela FORBES, o Infarmed, entidade responsável pelo licenciamento e regulação da cannabis medicinal, confirma a corrida. “Temos recebido vários pedidos de autorização para o exercício das actividades de cultivo, importação, exportação e fabrico de preparações à base de cannabis de empresas de Portugal, Canadá, Israel, EUA, Holanda e Alemanha, entre outros”, adiantou o instituto. A maioria dos concorrentes ainda está na “casa de partida”, mas Portugal já está a ganhar. No curto prazo, estas empresas serão responsáveis por investimentos na ordem dos 100 milhões de euros (algum já realizado), um valor que nos próximos cinco anos pode ascender a 500 milhões de euros e criar cerca de 1500 postos de trabalho, muitos deles qualificados nas áreas da agricultura, biotecnologia, entre outros, contribuindo para o desenvolvimento das vilas e cidades onde se estão a instalar,



LABORATÓRIO DE CANTANHEDE

A cannabis está a fazer emergir um novo ramo do sector farmacêutico e Portugal tem as características necessárias para se afirmar como um dos maiores produtores do mundo.

e para a balança comercial. “O mundo assiste a uma progressiva, mas rápida abertura de um sector económico que é o da canábis medicinal”, explica João Tabora da Gama. Para o advogado especialista em regulação de substâncias controladas, está-se a assistir à criação de um novo ramo dentro da indústria farmacéutica, pelo que “é natural que o sector empresarial se posicione, pois não é todos os dias que surgem, com esta dimensão e rapidez, novos produtos e sectores”, explica.

UMA PLANTA PODEROSA

O uso da canábis no campo medicinal não é uma novidade. Os primeiros registos do uso da planta

500 MILHÕES DE EUROS

Investimento total dos projectos de canábis medicinal anunciados em Portugal para os próximos cinco anos. Esta investida dará origem à criação de pelo menos 1.500 postos de trabalho até 2024.



no foro da saúde datam do terceiro milénio a.C. Por cá, no século XVI, já o médico Garcia da Orta, após 30 anos em Goa, relatava à comunidade médica portuguesa da altura o uso que se dava à planta no Oriente no tratamento de certas maleitas. Porém, a proibição do cultivo e uso da planta, e a sua introdução na lista da Convenção das Nações Unidas contra o Tráfico Ilícito de Estupefacientes e Substâncias Psicotrópicas em 1961, relegou-a ao uso recreativo e à ilegalidade. Mas, agora, a aceitação do seu uso médico pela comunidade científica está a devolver-lhe a importância de outrora.

Em 2017, a Organização Mundial da Saúde (OMS) atestava o que muitos estudos e profissionais de saúde têm defendido há vários anos. “Testes realizados em animais e humanos revelaram que o seu uso pode ter algum valor terapêutico na prevenção de convulsões originadas por epilepsia e condições relacionadas”, lia-se num comunicado da OMS divulgado em Dezembro daquele ano, onde eram valorizados os resultados de um estudo publicado no “The New England Journal of Medicine”. Neste sentido, a organização recomendava que o Canabidiol (CBD) fosse retirado da lista de substâncias controladas e que mais testes fossem realizados. Rendidos às evidências científicas e aos relatos dos pacientes que usavam a substância, vários Estados dos EUA, e países como o Uruguai e Canadá, aos quais se seguiram vários europeus, legislaram no sentido de permitir o uso de medicamentos à base de canábis. Em Portugal, já é possível receitá-los para sete terapêuticas, mas, por enquanto, há apenas um medicamento autorizado pelo Infarmed, o Sativex, indicado para terapêuticas relacionadas com a esclerose múltipla - e a Tilray tem em curso um processo de autorização para a colocação no mercado de um outro.

Pauric Duffy fundou a Holigen em Malta e seguiu para a Austrália, onde se tornou o maior produtor do país e, já em Portugal, onde entrou através da compra da RPK Biopharma, vendeu a empresa à canadiana Flowr. Já está a produzir em estufa, a fazer testes de extração, e a preparar 65 hectares de produção ao ar livre em Aljustrel, no Alentejo.

De uma forma simplista, a canábida é um analgésico e anti-inflamatório, mas com características especiais (ver caixa), conhecido e usado por pacientes e profissionais da área da saúde de todo o mundo, apesar das restrições ao seu acesso. Em Portugal, Paulo Freitas Tavares é um desses profissionais.

Numa reportagem emitida pela RTP no dia em que os deputados aprovaram o uso da canábida para fins medicinais, o responsável pelo departamento de tumores do aparelho locomotor dos hospitais da Universidade de Coimbra afirmou que recomenda canábida aos seus pacientes há 30 anos, para estimular o apetite e combater as náuseas, consequências dos tratamentos agressivos de quimioterapia que muitas vezes levam à desnutrição severa e até à morte. Todavia, há ainda um elevado estigma em torno da planta e do seu uso, mesmo entre a comunidade médica, o que implica a necessidade de eventos de debate e informação. A conferência "Portugal Medical Cannabis", que vai reunir alguns dos maiores especialistas do mundo em canábida medicinal em Lisboa (8 e 9 de Novembro) e Porto (22 e 23 de Novembro), é um deles. Porém, vai levar tempo até que o uso de medicamentos à base de canábida se torne comum.

PORQUÊ PORTUGAL?

A produção controlada e regulada de plantas com substâncias psicoactivas para fins medicinais não é uma novidade no país – já houve plantações de papoila de ópio em Portugal e pelo menos duas licenças de produção e uma de exportação atribuídas pelo Infarmed. E de canábida, também.

Em 2016 e 2017 foram produzidos 169 e 21 mil quilos, respectivamente, segundo dados do International Narcotics Control Board (INCB), e o primeiro enquadramento legal sobre a produção data da década de 1970. Porém, o novo quadro legal e regulamentar publicado em 2018 e 2019, misturado com o actual contexto científico, despoletou uma verdadeira corrida a este "ouro verde". "O actual quadro legislativo, embora ainda não totalmente bem estruturado, dá a confiança necessária aos investidores para avançar", diz Carlos Nunes, co-fundador da Pangolin Solutions, uma consultora especializada no sector da canábida medicinal.

Portugal não é único país europeu a permitir o cultivo de canábida para fins medicinais e muito menos no mundo. Alemanha, Chipre, Grécia, Itália, Malta, Polónia e Reino Unido são apenas alguns dos Estados europeus que já o permitem, aos quais se juntam outros do continente americano, mas tem várias vantagens comparativas. "Temos terrenos e recursos humanos qualificados e mais baratos, relativamente a outros países, e o clima ideal para o cultivo", aponta Carlos Nunes.

No clima, a Grécia é um forte concorrente. A Aphria e a Canopy Growth, dois gigantes canadianos do sector, anunciaram já planos de investimento superiores a 100 milhões de euros e estão



A CIÊNCIA DA CANÁBIDA

Uma planta de canábida contém cerca de 80 fitocannabinóides, que variam consoante a variedade. Os mais conhecidos são o Tetrahydrocannabinol (THC) e o Canabidiol (CBD), mas a ciência já identificou mais de 200 destas substâncias químicas com características muito particulares. Uma delas é a sua ligação ao sistema endocannabinóide humano, responsável por processos fisiológicos como a inflamação, a dor e o metabolismo, entre outros. A outra é a que os cientistas chamam "efeito entourage", e que significa que apesar se poderem isolar e produzir individualmente em laboratório, prática corrente na indústria farmacêutica, não têm o mesmo efeito quando administrados em conjunto. Ou seja, o cultivo da planta terá sempre que ser feito, o que dá ao sector um cariz de negócio de longo prazo e, aos medicamentos à base de canábida, um potencial incomensurável.



TETRAHIDROCANABINOL

Tem características de estimulante e analgésico. Está provado que é bom para aumentar o apetite, combater a dor crónica associada à esclerose múltipla e os sintomas associados aos tratamentos oncológicos como a quimioterapia. Fora do contexto médico é usado pelos seus efeitos psicóticos.

CANABIDIOL

É um anti-inflamatório e relaxante. Tem reconhecido potencial para tratar doenças do foro neurológico, como ansiedade, epilepsia e transtornos convulsivos graves na infância.

previstos investimentos de empresas holandesas e chinesas naquele país. Mas, para Pauric Duffy, director-geral da Holigen (entretanto adquirida pela canadiana Flowr), num sector altamente regulamentado a escolha da localização é uma questão de confiança. “Aqui, além de leis claras, encontrámos entidades focadas e interessadas em facilitar o negócio”, explica, sublinhando ainda o elevado sentido de seriedade e profissionalismo dos trabalhadores portugueses, “algo que num sector como este tem obrigatoriamente de existir”.

Esta é também a visão de Viriato Arrojado, responsável pela Together Ideas Pharma, uma empresa resultante de uma parceria entre a farmacêutica israelita Together Pharma e o grupo imobiliário Fortera, sediado no Porto. “Portugal tem hoje um ambiente muito apreciado para fazer negócios”, adianta. José Maraver aponta ainda outro factor. Num sector regulado, sensível, e sujeito a julgamentos de cariz ideológico, o fundador da Kannabeira, refere a estabilidade social e política



CLUSTERS DE CANÁBIS

Além dos efeitos terapêuticos nos humanos, a canábis medicinal será um estímulo para algumas regiões e cidades do interior do país, onde estão instalados valiosos centros de investigação na área biotecnológica, que podem transformar-se em verdadeiros *clusters* e colocar Portugal na vanguarda mundial da investigação e desenvolvimento do sector. Por exemplo, para a Tilray e a Together Ideas Pharma, um dos motivos para se instalarem em Cantanhede foi o Centro de Inovação em Tecnologia (Biocant), ali sediado. A Kannabeira e a Funcrops também não escolheram o Fundão para se instalar à toa. A proximidade com o Centro de Biotecnologia de Plantas da Beira Interior, em Castelo Branco, e com o Centro de Investigação de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior, na Covilhã, foi identificada como uma oportunidade para enriquecer as suas actividades e produtos. “Em Castelo Branco podemos controlar e caracterizar a genética e a fitoquímica das plantas e fazer testes de extracção de óleos, e na UBI, temos o apoio à realização de estudos com vista a criar medicamentos”, explica José Maraver, da Kannabeira.

Mais a sul, a Flowr vai aproveitar o Centro de Biotecnologia Agrícola e Bioalimentar do Alentejo para investigar e desenvolver novas técnicas de extracção de óleos que aumentem a taxa de extracção. Melhorar o rendimento das plantas será a chave para vencer num mercado altamente competitivo, mas a Flowr vai também investir forte na formação de quadros especializados em Beja. “Queremos formar entre 30 a 40 pessoas por ano”, diz à FORBES Pauric Duffy.

como vantagem do país face à Grécia ou a Itália, por exemplo. “Quando se entra num negócio destes, não se pode ir para países instáveis em termos políticos e sociais, e Portugal dá essa garantia”, diz este empreendedor natural de Espanha, país onde, segundo o mesmo, a legislação sobre a canábis medicinal é “uma confusão total”. Mas, ambientes à parte, o objectivo do investimento que está a chegar a Portugal usa a localização do país como porta para o continente europeu.

O mercado mundial está a crescer rapidamente. Segundo dados do INCB, entre 2000 e 2017, a produção anual de canábis para fins medicinais passou de 1,4 para 406 toneladas. “Em 2012, havia 15 países onde a canábis para uso medicinal era legal. No final do ano passado eram 31, agora há 42 e nos próximos três anos serão 60 ou 70”, afirma Brendan Kennedy, sublinhando a dificuldade em avaliar o mercado. “Eu acho que poderá valer 90 mil milhões de euros”, diz, após insistência, em jeito de palpite. E, devido ao número de habitantes e ao papel dos Estados na comparticipação dos medicamentos, é na Europa que está a maior fatia do bolo. Segundo estimativas da Prohibition Partners, uma consultora especializada no sector



José Maraver, no Centro de Biotecnologia de Plantas da Beira Interior, em Castelo Branco, onde a Kannabeira irá seleccionar as plantas e testar técnicas de extracção dos óleos.

de fabrico de substâncias activas (GMP – Good Manufacturing Practices). Ainda nenhuma das empresas de cannabis medicinal a operar em Portugal tem esta certificação, mas os esforços para a obter estão à vista. Em Julho, o Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacéuticos em parceria com a Faculdade de Farmácia da Faculdade de Lisboa e a Associação para o Desenvolvimento do Ensino em Microbiologia lançaram uma pós-graduação na área, e as duas primeiras edições esgotaram num ápice devido à procura por parte dos profissionais ligados às empresas mencionadas neste artigo.

Além destas são ainda necessárias autorizações para importar, exportar, transportar e colocar produtos – medicamentos – no mercado. São também necessárias autorizações dos municípios onde a empresa se pretende instalar e ter acordos com parceiros e futuros clientes que assegurem o escoamento da produção. Para Carlos Nunes, estas “cartas de conforto” são outro desafio dos proponentes. “Não é fácil para uma empresa portuguesa, sem histórico no sector, recolher uma carta de conforto de uma multinacional do sector

da cannabis, o Velho Continente poderá valer 58 mil milhões de euros para o sector em 2025.

NEGÓCIO LUCRATIVO

Por ser uma substância regulamentada, a produção e transformação de cannabis medicinal é um negócio complexo e exigente a vários níveis. A obtenção de licença é o primeiro, podendo demorar entre 8 e 12 meses e exigir várias demonstrações de capacidade.

Além da idoneidade da empresa e dos seus representantes, os candidatos têm de provar ter recursos humanos com conhecimento para construir e gerir instalações seguras e tecnicamente avançadas, e garantir uma produção e ou transformação homogénea e segura do ponto de vista da saúde pública. “Isto é uma actividade farmacéutica”, diz Sofia Ferreira, responsável de qualidade da Sabores Púrpura, empresa que vive da produção de morangos em estufa e que procura entrar na produção de cannabis.

Há certificações específicas obrigatórias para quase tudo. Desde boas práticas agrícolas e de colheita (GACP – Good Agricultural and Collection Practices), de acordo com o publicado pela Agência Europeia do medicamento, como de boas práticas

Fotos de Pedro Delgado e D.R.

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Caso se confirmem os projectos em curso, em 2020, Portugal será um dos maiores produtores e exportadores mundiais. Em 2017, o mercado era dominado pelo Reino Unido, que produziu 258 toneladas (64% da produção mundial). Para 2019, a Alemanha, o principal mercado da Europa e o maior importador, comunicou ao ICNB necessidades de 8,8 toneladas. Maiores só as de Israel, que indicou precisar de 11,2 toneladas.

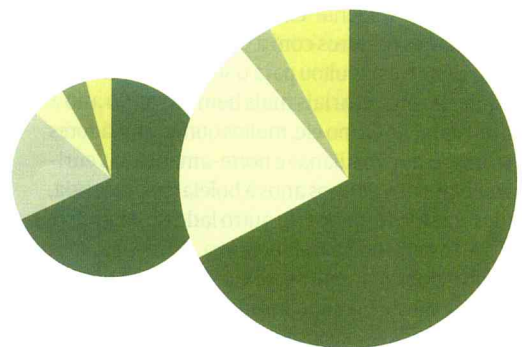
Fonte: International Control Narcotics Board. Valores referentes ao ano de 2017 em toneladas.

MAIORES EXPORTADORES
Total: 7,2 toneladas

REINO UNIDO 4,9
HOLANDA 1,3
CANADA 0,4
ÁUSTRIA 0,3
OUTROS 0,3

MAIORES IMPORTADORES
Total: 20,9 toneladas

EUA 14,1
ALEMANHA 4,5
ITÁLIA 0,7
OUTROS 1,6





António José Seguro, ex-secretário-geral do Partido Socialista, será a próxima personalidade política a entrar no negócio da canábis. Vai integrar os órgãos de gestão da VF 1883 Pharmaceuticals, adiantou à FORBES um dos fundadores da empresa.

farmacêutico”, diz. Segundo o consultor, boa parte dos pedidos de licenciamento ou de informação em fila no Infarmed serão de proponentes com experiência agrícola que vêem na actividade uma oportunidade para ganhar dinheiro, mas que, na sua maioria, não passarão da primeira fase de avaliação.

Ultrapassada a complexidade, o cultivo de canábis para fins medicinais pode ser um “euro-milhões”. Brendan Kennedy sabe-o bem. No ano passado, o presidente-executivo da Tilray ganhou 233 milhões de euros com a Oferta Pública Inicial (OPI) – que o catapultou para o segundo lugar entre os líderes empresariais mais bem pagos do ano a nível mundial. Como ele, muitos outros fundadores de empresas canadianas e norte-americanas enriqueceram nos últimos anos à boleia desta corrida, que tem sido frenética do outro lado do Atlântico.

A Tilray ainda não é lucrativa. As receitas têm vindo a dobrar anualmente e, este ano, só no primeiro semestre, já superaram em 50% as totais do passado. Mas os custos aumentaram ainda mais.

Apesar disso, as acções na empresa estão a cotar na Bolsa da Nova Iorque em torno dos 30 dólares, praticamente o dobro do preço a que foi para o mercado em Fevereiro de 2018. Na economia real, os números são mais modestos, mas igualmente interessantes.

Com um investimento de 5 milhões de euros é possível montar e operacionalizar uma infra-estrutura de produção de canábis medicinal que permita facturar anualmente 10 milhões de euros em velocidade cruzeiro – isto é, quando se conseguir fazer pelo menos quatro ciclos de produção. Tal deverá acontecer somente no terceiro ano do projecto, pois o primeiro é gasto no processo de licenciamento e o segundo para a selecção, produção de clones da planta e testes. Mas basta ter um projecto de cultivo de canábis medicinal em estado avançado de licenciamento para ser candidato a milionário. A prova é que apesar da Tilray ser a única das empresas mencionadas neste texto a “facturar”, já se registaram uma mão-cheia de fusões e aquisições entre as restantes.

O caso da Terra Verde é peremptório. Fundada por um geneticista israelita de renome em 2014, já foi alvo de dois negócios. O primeiro deu-se com a entrada de Ângelo Correia, empresário, ex-deputado e ex-ministro, que adquiriu 40% do capital da empresa ao seu fundador. Pouco tempo depois, a empresa foi vendida à farmacêutica britânica EMMAC, que manteve os anteriores accionistas como gestores. Esta não é a única presença de ex-políticos no sector. Jaime Gama, ex-presidente da Assembleia da República, faz parte do leque de conselheiros internacionais da Tilray. “Temos um conselho internacional composto por personalidades que nos ajudam a compreender as tendências do sector nos seus países”, justifica Brendan Kennedy, apontando o cariz estratégico da contratação, um caminho também seguindo pela VF 1883 Pharmaceuticals. “Estamos a formar a equipa de gestão e convidámos António José Seguro [antigo secretário-geral do Partido Socialista] e Nuno Brilhante Dias [familiar de Eurico Brilhante Dias, actual secretário de Estado da Internacionalização] a integrá-lo, e antecipamos que ambos aceitarão as funções oferecidas”, diz à FORBES Justin Mulder, responsável da empresa.

A aquisição da Gaia Pharma (ainda em processo de licenciamento) pela canadiana Aurora Cannabis (agora denominada Aurora Portugal) é outro exemplo ao qual se soma a compra da já licenciada RPK Biopharma pela Holigen, que depois foi adquirida pela canadiana Flowr. Os valores destes negócios não são conhecidos, mas são demonstrativos que estar num processo de licenciamento é, por si só, meio caminho andado para a fortuna.

Carlos Nunes conhece bem esta realidade. “Há claramente dois tipos de promotores”, afirma, explicando que “alguns querem desenvolver o negócio, mas outros têm como objectivo vender a empresa durante o processo de licenciamento”. João Taborda da Gama diz que há três tipos de empreendedores neste negócio: 1) sofisticados, com experiência no sector farmacêutico, agrícola, bancário e tecnológico, alguns já a liderar empresas cotadas; 2) sonhadores, normalmente movidos pela crença que a canábis é um produto milagroso, capaz de resolver os problemas do mundo; e os 3) “aventureiros”, “que querem apenas o lucro fácil e que são motivados pela leitura errada de peças jornalísticas, eventualmente, como esta”. Ou seja, haverá muitos projectos que não passarão de mero fogo-de-artifício. E percebe-se porquê.

REGADO A MILHÕES

Para tentar obter uma licença bastam uns “meros” 200 mil a 300 mil euros de investimento, a maioria gastos em consultoria. Mas, para cultivar, investigar, desenvolver e comercializar medicamentos à base de canábis, além de mais tempo, é preciso muito mais dinheiro e sobretudo *know-how* que não existe em Portugal, e um gigante mundial pode trazer ambos.

A FORBES sabe que a Kannabeira e a Sabores Púrpura já tiveram ofertas de aquisição, mas não aceitaram. A Preze chegou a anunciar uma parceria/fusão com a britânica EDX Biomed, mas o negócio gorou-se. À FORBES, Henrique Sardinha, fundador da empresa, afirmou estar

em negociações avançadas como uma cotada norte-americana que lhe permitirá concretizar o projecto de longo prazo que deseja. “A cadeia de valor deste negócio está na transformação”, explica, e é lá que o empreendedor quer estar.

A Preze vai começar a produzir no segundo ou terceiro trimestre de 2020, pois quer assegurar primeiro a sustentabilidade do negócio. “A carta de conforto que é exigida pelo Infarmed não garante nada. É necessário firmar contratos de aquisição com empresas do sector”, diz, sublinhando que não é fácil consegui-lo, e que os valores de produção anuais anunciados pelos promotores na comunicação social vão além das necessidades que tem encontrado no mercado. A Preze pretende cultivar um hectare de estufas em Mafra (localização ainda não decidida), uma área que permite uma produção anual entre 6 a 8 toneladas e quer desenvolver plantas ricas em Tetrahydrocannabinol (THCV), um canabinóide que inibe o apetite.

José Maraver diz-se comprometido com o projecto. “Isto é o projecto da minha vida, mas é um negócio e os meus sócios também têm algo a dizer”, explica, confessando que está em conversações com investidores portugueses e espanhóis para angariar o capital para financiar a construção das infra-estruturas necessárias. A Kannabeira obteve a pré-licença em Setembro, o que lhe permite iniciar a construção das infra-estruturas - só após vistoria e aprovação das mesmas pelo Infarmed

é que obtém a licença de produção. A empresa estima iniciar a produção na primeira metade de 2020, mas quer também investigar, desenvolver e colocar medicamentos no mercado português, o que engloba um plano de negócio de 22 milhões de euros a investir até 2022. Já a Sabores Púrpura vai recorrer a instrumentos de dívida e a adiantamentos de clientes. “Houve uma empresa que nos abordou para fazer um acordo, mas ficávamos dependentes deles e rejeitámos”, diz o director-geral da empresa, Miguel Silva. A empresa já tem licença desde Fevereiro e terá que investir 30 milhões de euros para erguer os 5,3 hectares da primeira fase de um projecto a dez anos, que envolve dobrar a área de cultivo inicial, investigar, transformar e desenvolver medicamentos, tudo num investimento total de 100 milhões de euros.

A Funcrops espera a pré-licença este mês e começar a construir de imediato para plantar em Janeiro. Vai usar um método de cultivo na vertical, uma técnica usada na Holanda, de onde vai trazer um especialista, também ele sócio da empresa. “Este método exige menos área e permite-nos fazer cinco ciclos anuais”, explica. A empresa do Fundão começará com um projecto-piloto que envolve um investimento de 5 milhões de euros, mas tem um plano de investimento a cinco anos que totaliza 50 milhões de euros. Tudo financiado com dívida e capitais próprios.

Alguns investidores têm uma postura especulativa. Investem num processo de licenciamento à espera de vender a empresa por vários milhões de euros.



Depois da licença, a primeira da etapa deste negócio é a de angariar os milhões necessários para concorrer a um pedaço de um mercado que vale centenas de milhares de milhões de euros. Mas seguem-se outras, em que a ciência será indispensável para encontrar espaço num mercado competitivo que vai deixar muitos para trás. “Aquilo que o mercado tem observado em termos globais é que os produtos agrícolas tendem a ‘comoditizar-se’ – como noutras matérias-primas – e, portanto, a serem produzidos onde o possam ser em maior escala ou com menor custo”, diz João Taborda da Gama, avisando que “é um sector como qualquer outro, em que apenas sobreviverão as empresas mais sofisticadas e mais sérias”. O país está bem lançado, mas não convém esquecer a euforia da corrida a Coloma, na Califórnia e, sobretudo, que já não é de lá que vem o ouro. **F.**

Capitalizado pela Oferta Pública Inicial da Tilray realizada em 2018, Brendan Kennedy colocou a empresa canadiana numa boa posição para conquistar um fatia do mercado europeu. Nos planos da empresa, Portugal é uma pedra central na expansão do negócio.

PMCI9

PORTUGAL MEDICAL CANNABIS 2019
2ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CANÁBIS MEDICINAL

LISBOA
8 - 9
NOVEMBRO

PORTO
22 - 23
NOVEMBRO

CONFERÊNCIAS

Apresentações e debates
para o público em geral.

WORKSHOPS

Formação exclusiva para
Profissionais de Saúde.

SESSÕES PARALELAS

Apresentações, debates e Networking.
Abertas ao público em geral.

CONSULTAS ABERTAS

Exclusivas para Pacientes.

MAIS INFO E REGISTO

www.pmc2019.pt

info@pmc2019.pt

50%
DESCONTO

LUGARES LIMITADOS!

★ ESTUDANTES
★ ASSOCIADOS DO OPCM

PRINCIPAIS ORADORES



MANUEL GUZMÁN — ESPANHA

Membro da Direcção
International Association for
Cannabinoid Medicines (IACM)



ADI ARAN — ISRAEL

Director da Unidade de Neuropediatria
Shaara Zedek Medical Center
Jerusalem, Israel



FRANJO GROTENHERMEN — ALEMANHA

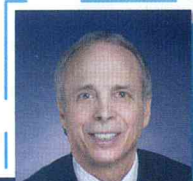
Médico
German Association for Cannabis
as Medicine (ACM)

VIDEOCONFERÊNCIA



CRISTINA SÁNCHEZ — ESPANHA

Professora Associada, Bioquímica
e Biologia Molecular
Universidade Complutense de Madrid



ETHAN RUSSO — EUA

Neurologista e Farmacologista
ICM — International Cannabis
and Cannabinoids Institute

VIDEOCONFERÊNCIA



MARA GORDON — EUA

Investigadora e Consultora
de Cannabis Medicinal
Zelda Therapeutics Limited



JANOSCH KRATZ — ESPANHA

Médico
Coordenador da Investigação e Desenvolvimento
Kalapa Clinic — Barcelona



PHILIPPE LUCAS — CANADÁ

Vice-Presidente
Investigação e Acesso Global de Pacientes
Tilray

ORGANIZAÇÃO



OPCM
Observatório Português
de Cannabis Medicinal

PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



O CAOS NA CANÁBIS MEDICINAL



LAURA RAMOS

Membro
do Conselho
Consultivo
do OPCM
— Observatório
Português
de Canábis
Medicinal

A canábis medicinal criou negócios de milhares de milhões e transformou-se na indústria que prevê gerar mais emprego nos próximos anos a nível global.

Portugal é um dos países mais procurados para produzir estes novos “medicamentos”. Calcula-se que mais de 150 empresas, nacionais e internacionais, pretendem investir no “ouro verde” em Portugal. Mas enquanto os negócios prosperam, os pacientes desesperam.

A legalização da canábis medicinal em Portugal tornou-se caótica, com consequências dramáticas para quem mais precisa dela: os pacientes. Passado mais de um ano da aprovação da Lei n.º 33/2018, o Ministério da Saúde ainda não começou a dar formação aos profissionais de saúde

nem promoveu investigação científica. Os médicos não estão a prescrever e o Infarmed não dá alternativa aos pacientes, obrigando-os a recorrer ao mercado ilegal, sem qualquer controlo ou segurança. Ao mesmo tempo, passam na televisão anúncios falaciosos a produtos autorizados com o nome “cannabis”, vendidos nas farmácias a preços de óleos de CBD (canabidiol), apesar de serem apenas óleos de sementes de cânhamo, induzindo em erro milhares de consumidores.

Nove meses depois da regulamentação, falta ainda publicar uma Portaria que não vê a luz do dia devido a um conhecido jogo de pingue-pongue entre Infarmed e Direcção-Geral de Alimentação e Veterinária, que este ano recusou certificar as sementes dos produtores de cânhamo, porque o Infarmed colocou também sob a sua alçada as autorizações de cultivo de canábis para fins industriais. Desta vez, quem sofreu as consequências foram os agricultores, que se viram impedidos de cultivar e perderam todo o ano de produção.

A lei prevê ainda que todos os produtos à base de canábis careçam de uma Autorização de Introdução no Mercado, mas até hoje apenas uma empresa fez esse pedido ao Infarmed, revelando o total desinteresse das restantes.

A Organização Mundial de Saúde já se pronunciou sobre o potencial terapêutico e o elevado perfil de segurança do CBD. A Comissão Europeia atribuiu aos canabinóides o estatuto de novo alimento, deixando nas mãos de cada Estado a decisão de os classificar como medicamento ou como suplemento alimentar.

Em Portugal, as entidades responsáveis parecem não ter muito interesse em facilitar o acesso ao CBD, ou então ainda não estudaram devidamente o sistema endocanabinóide e o seu papel na saúde. Mas quando todos perceberem que o ser humano tem receptores de canabinóides, que se conectam no cérebro como uma chave na fechadura, o acesso à canábis será, finalmente, livre. **F.**

A LEGALIZAÇÃO DA CANÁBIS MEDICINAL EM PORTUGAL TORNOU-SE CAÓTICA, COM CONSEQUÊNCIAS DRAMÁTICAS PARA QUEM MAIS PRECISA DELA: OS PACIENTES.



A Forbes Portugal é vencedora do Prémio Cinco Estrelas pelo 3.º ano consecutivo.

Os resultados obtidos nos testes e estudo de mercado realizado no âmbito do Prémio Cinco Estrelas 2019 permitem afirmar que a FORBES Portugal é considerada pelos consumidores como extraordinária, realmente Cinco Estrelas. Assim, em 2019, a FORBES Portugal obtém o título de Marca Cinco Estrelas na categoria “Revistas de Economia e Gestão”.

Classificação final
(escala de 1 a 10)

8,13

Notoriedade

9,15

Actualidade

7,88

Satisfação

8,58

Confiança

8,25

Inovação

7,85

Vencedor da categoria:
Revistas de Economia e Gestão

Marcas avaliadas: 4

Total de consumidores envolvidos: 1237

Satisfação global: 81,3%